

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E
PROBLEMAS DE DESEMPENHO
ESCOLAR: um estudo de caso

PSYCHOLOGICAL EVALUATION
AND SCHOOL PERFORMANCE
PROBLEMS: a case study

*Fillipe Rodrigues Santos Pereira**
*Alberto Joaquim Goveia Diniz Neto***
*Natália Rodovalho Garcia Menescal****



Imperatriz (MA), v. 1, n. 1, p. 60-73, jul./dez. 2019

Recebido em: 20 de setembro de 2019
Aprovado em: 30 de setembro 2019

RESUMO

Avaliar refere-se à coleta, análise e interpretação de dados, obtidos por meio de um conjunto de procedimentos confiáveis e sistemáticos, podendo ser realizada no contexto educacional para identificar casos deficitários, o que possibilita a criação de planos de intervenção mais bem estruturados. Saber mobilizar os conhecimentos psicológicos na prática profissional para os métodos de avaliação e intervenção nas questões escolares é extremamente importante para a otimização dos processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. O objetivo deste estudo foi investigar as relações existentes entre as variáveis cognitivas, emocionais e comportamentais e o repentino baixo desempenho apresentado por um estudante do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada e confessional de São Luís - MA, logo se configura como um estudo de caso. As técnicas utilizadas foram análise de documentos, observação em sala de aula, entrevistas semiestruturadas com os pais e com a professora e a realização de tarefas lúdicas com a criança envolvendo desenhos, livros infantis e jogos interativos. Os resultados indicaram que o baixo desempenho apresentado pela criança estava relacionado significativamente às mudanças recentes no contexto familiar. Um importante desdobramento deste estudo foi a oportunidade, através de entrevista devolutiva, de reportar aos responsáveis a professora os resultados, orientá-los e lhes proporcionar possibilidades de compreender as dificuldades enfrentadas pela criança no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, discutiram-se os impactos do contexto sobre o desenvolvimento humano. Portanto, percebe-se a importância do suporte familiar e da instituição educativa para um bom desempenho da criança no início da vida escolar.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica. Rendimento Escolar. Aprendizagem.

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

** Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

*** Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Atualmente, docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

ABSTRACT

Evaluating refers to the collection, analysis, and interpretation of data obtained through a set of reliable and systematic procedures, which can be performed in the educational context to identify deficit cases, which enables the creation of better-structured intervention plans. Knowing how to mobilize psychological knowledge in professional practice for methods of assessment and intervention in school issues is extremely important for optimizing child development and learning processes. This study aims to investigate the relationship between cognitive, emotional, and behavioral variables and the sudden low performance presented by a 1st-year elementary school student from a private and religious school in São Luís MA, for this, it sets up as a case study. The techniques used were document analysis, observation in the classroom, semi-structured interviews with parents and teachers, and the performing of playful tasks with the child involving drawings, children's books, and interactive games. The results indicated that the poor performance presented by the child was significantly related to recent changes in the family context. Significant development of this study was the opportunity, through a feedback interview, of reporting the results to parents and the teacher, guiding, and providing them with possibilities to understand the difficulties faced by the child in the teaching-learning process. Besides, the impacts of the context on human development discussions. Therefore, we realize the importance of family support and educational institution on an excellent performance of the child at the beginning of school life.

Keywords: Psychological Assessment. Academic Achievement. Learning.

Introdução

A avaliação em Educação¹ é uma ferramenta que possibilita visualizar (e entender) de forma mais clara alguns fenômenos que ocorrem dentro da escola e, conseqüentemente, propor possíveis medidas para resolução desses obstáculos. Contudo, apesar da importância de tal método de investigação e, posteriormente, intervenção (MARINHO-ARAUJO, 2010), ainda assim a avaliação parece ser um instrumento pouco utilizado e isso em muito se deve à descrença e ao preconceito dos profissionais da Educação (COSTA; SOUZA; RONCAGLIO, 2003).

Avaliar refere-se à coleta e interpretação de dados, obtidos por meio de um conjunto de procedimentos confiáveis (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018). A Avaliação Psicológica¹ pode ser realizada no contexto educacional com o objetivo de investigar e mensurar o quanto variáveis cognitivas, emocionais e comportamentais influenciam o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, identificar casos deficitários (COMA; ÁLVAREZ, 2008).

¹ No contexto escolar, alguns autores preferem utilizar o termo Avaliação Psicopedagógica.

Aprendizagem, pensando construtivamente, é um conceito que pode ser entendido como desenvolvimento de esquemas de conhecimento, propiciados pela maturação biológica ou pelas funções mentais em âmbito sociocultural (CASTORINA, 2000). O professor, nesse processo, pode assumir uma função de instrutor, aquele que faz com que o aluno aprenda a aprender; ou mediador, aquele que apresenta o saber. Mas, independentemente da metodologia escolhida pelo professor, aquele que ensina não deve criar e fomentar uma relação hierárquica de poder em relação a seus alunos, e sim possibilitar uma relação conjunta com objetivos semelhantes, o que facilita a obtenção de conhecimento por parte do aluno (CASTORINA, 2000).

A instituição escolar é o local formal dedicado à ocorrência desse processo. Em parceria com a família, tem como objetivo preparar o indivíduo para a vida em sociedade por meio da transmissão da cultura e de valores morais. Nesse ambiente, a criança também desenvolve de forma independente laços sociais com seus pares e começa a se firmar em grupos sociais. Contudo, em muitos casos, a experiência escolar torna-se muito aversiva ao indivíduo, pois ele não se vê contemplado pelas pautas e prioridades da escola, que, quase sempre, se preocupa apenas com o desenvolvimento intelectual e com o cumprimento das tarefas e regras, ignorando toda a subjetividade já presente na criança. Essa negligência promove direta e indiretamente o aumento de diversas mazelas sociais, tais como evasão escolar, gravidez na adolescência, consumo de substâncias psicoativas, marginalização e criminalização. Diante desse cenário, a dúvida que fica é se a escola fracassou em seu projeto (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Como a escola lida com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos? Quais os métodos que utiliza para identificá-los? Como intervém sobre esse fenômeno? A forma como está organizada contribui para manutenção de casos como esses? Esses são alguns dos questionamentos extensamente discutidos na área da Psicologia Escolar e Educacional.

Percebe-se, afirmado e confirmado em diversos estudos e pesquisas, que a escola brasileira não cumpre o papel designado a ela de ser um "espaço amplo de socialização que busca favorecer experiências e a produção de conhecimento para a vida, integrando crianças e jovens às principais redes sociais importantes para sua formação" (CFP, 2013, p. 30). Pelo contrário, reproduz as mazelas sociais, fundamentada pela lógica selvagem do capitalismo, que engrandece o individualismo e a competição desenfreada. (MARINHO-ARAUJO, 2010). Durante muito tempo, era comum atribuir a culpa do fracasso escolar à indisciplina do aluno, contudo, nos anos 70, quando o fracasso escolar passou a ser estudado mais frequentemente na

literatura, começa-se a questionar a contribuição da escola para reverter essa situação (CALDAS, 2005; PATTO, 2000).

Para uma introdução mais ampla e crítica da Psicologia na Educação, é imprescindível ao psicólogo conhecer e auxiliar não somente a escola e seus agentes (alunos, professores, gestores e outros profissionais), como também a família e a comunidade do entorno que ela atende. Logo deve agir conjuntamente com os demais membros de sua comunidade e não de forma isolada; deve se comprometer com a comunidade em que está inserida e com as necessidades que ela possui (MARINHO-ARAÚJO, 2010; GUZZO et al., 2010; CFP, 2013).

Ao psicólogo que trabalha em uma instituição de ensino, cabe entender que seus componentes são multiplamente variados em suas subjetividades e que uma atuação humana e atenciosa, porém crítica, faz-se necessária para reverter o quadro patológico que se cria dos alunos ao se aplicar conceitos da clínica que naquele ambiente não se mostram propícios e nem eficazes. A Psicologia dentro da escola deve comprometer-se com a realidade, de forma que a teoria possa manter-se sintonizada com a práxis do psicólogo sem dela se desviar (MARINHO-ARAÚJO, 2010; CFP, 2013).

A Avaliação Psicológica emerge nesse contexto para auxiliar a detecção das dificuldades de aprendizagem, devendo ser realizada de forma ética, crítica e técnica, porém se reconhece também que historicamente e ainda hoje (de modo mais isolado) serve como uma ferramenta de exclusão quando utilizada indevidamente e de forma a conservar preconceitos. Historicamente, educadores influenciados pelos estudos de Francis Galton, Alfred Binet e James Cattell na área da Antropometria e Psicometria utilizaram a produção e aplicação de diversos testes para classificar os alunos em categorias, estigmatizados como "idiota", "retardado", "imbecil" entre outras (PATTO, 1997). Essa prática os reduzia ao resultado de suas capacidades cognitivas em um punhado de testes criados em um contexto totalmente diferente do da sociedade brasileira, com isso eles separavam os alunos em turma dos mais dotados e capazes dos menos inteligentes, dando a eles formas de educação diferentes e excludentes (MARINHO-ARAÚJO, 2010; GUZZO *et al.*, 2010). Por isso, é importante considerar a política escolar que utiliza esse instrumento para que estereótipos não voltem a ser reproduzidos.

Segundo Coma e Álvarez (2008), a observação é uma das principais técnicas usadas na Avaliação Psicológica. Observar, então, seria capturar o comportamento cuidadosamente, às vezes, acompanhado de ferramentas e recursos (utilização de filmagens em vídeo, por exemplo) que colaboram para um registro mais fidedigno e acurado. Na avaliação, a observação, juntamente com instrumentos de autorrelato

verbal (entrevistas e testes), tem função central, pois possibilita compreender a natureza do comportamento, levantar hipóteses mais facilmente, distinguir diferentes modos de comportamento e correlacioná-los com os estímulos do ambiente, assim como avaliar a efetividade das intervenções. Entretanto, convém chamar a atenção, em relação à interpretação dos dados obtidos, para a consideração da subjetividade do observador durante o processo de registro, evitando conclusões precipitadas, para que a porcentagem de erro seja atenuada com a criação de protocolos observacionais rigidamente estruturados (BENITEZ *et al.*, 2014).

Outros instrumentos, como entrevistas e testes, também podem ser utilizados para caracterizar como a criança percebe e se desempenha no processo de ensino e aprendizagem. No presente caso, o objetivo do estudo foi avaliar as habilidades e estratégias de aprendizagem e o, até então, infrequente baixo desempenho escolar apresentado por um estudante de uma escola privada e confessional da região central da cidade de São Luís-MA. A demanda escolar apontava para problemas de concentração e dificuldades na fala e na escrita presentes no estudante. As técnicas utilizadas foram análise de documentos, observação na sala de aula, entrevistas semiestruturadas com os pais e com a professora e, visto o contexto, optou-se também por uma abordagem mais lúdica em relação ao contato direto com a criança por meio da realização de atividades envolvendo desenhos, livros infantis e jogos interativos.

Método

Participantes

Estudante do 1º ano do Ensino Fundamental, 6 anos. Pais e professora regular de sala.

Instrumentos

Protocolo de Observação do Estilo de Aprendizagem: desenvolvido por Coma e Álvarez (2008), esse protocolo avalia o estilo de aprendizagem da criança em 8 dimensões diferentes: a) motivação para o trabalho escolar; b) ritmo de trabalho; c) constância no esforço; d) atitude em face de erros e/ou dificuldades; e) resposta às mudanças nas rotinas de trabalho f) autonomia no trabalho; g) hábitos de organização do material escolar e dos deveres; e h) trabalho em grupo. Para cada dimensão, registra-se uma alternativa disponível.

Protocolo de Observação dos Papéis dos Alunos: retirado de Coma e Álvarez (2008), que adaptaram de Fernández Torres (1991). O instrumento possui 23 itens que avaliam diversos comportamentos da criança em ambiente escolar durante uma sequência de dias, marcam-se os comportamentos que a criança apresenta em cada dia. Segundo os autores, os itens registrados foram os mais frequentes na observação, embora isso não signifique que possam ser verificados sempre e em qualquer ambiente, quando não são registrados, não significa que inexistem, mas simplesmente que não foram observados.

Roteiro de Entrevista para Pais e/ou Responsáveis: instrumento desenvolvido pelos autores, tendo como referência os apontamentos de Vilana (2008). A entrevista é composta de 19 perguntas divididas em duas grandes áreas, sendo 7 para a Situação Psicossocial e 12 para Situação Escolar.

Roteiro de Entrevista para Professores: adaptado de Marinho-Araujo e Almeida (2014), tendo como referência os apontamentos de Vilana (2008). A entrevista contém 16 perguntas referentes às informações gerais da turma, dificuldades de aprendizagem, metodologia de trabalho, planejamento e avaliação escolar.

Desenho da Dupla Educativa: essa atividade permite avaliar a percepção da criança sobre o processo ensino-aprendizagem, a relação com o professor e a instituição escolar. Os materiais necessários foram: folha de sulfite branca, lápis de grafite preta e borracha. É composta de três partes: desenho, história e inquérito.

Jogo Forma-Palavras: o jogo apresenta diversas lâminas com cinco imagens cada, o objetivo é encontrar as letras que formam a palavra que representa a imagem, todas as palavras a serem formadas possuem quatro letras.

Livro “O coelho que queria ser rápido: um conto sobre ambição”: escrito por Roberto Belli, o objetivo dessa atividade é testar a habilidade de leitura e compreensão da criança.

Procedimentos

Antes do preenchimento dos instrumentos, foi apresentado aos responsáveis pela criança e à professora o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respondendo legalmente à Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata da ética na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CNS, 2012), deixando clara a possibilidade de desistência a qualquer momento do estudo, podendo abandoná-lo sem qualquer constrangimento. Foram-lhe assegurados o completo sigilo e anonimato sobre as informações prestadas.

A coleta de dados ocorreu em cinco etapas divididas em dois dias: 1) observação da criança em contexto de interação com colegas; 2) entrevista com os pais; 3) observação da criança em contexto de sala de aula; 4) entrevista com a professora; e 5) avaliação lúdica com a criança. No primeiro dia, utilizaram-se duas técnicas: observação comportamental; e entrevista com os responsáveis. A observação se deu no momento do intervalo das aulas da criança, desde o momento do lanche que é feito em sala, com auxílio da professora, até o momento do pátio, que é conduzido por outros profissionais. A entrevista ocorreu em uma sala reservada e climatizada.

No segundo dia, as atividades realizadas foram: entrevista com a professora; segunda observação; e avaliação lúdica com a criança. A observação ocorreu no ambiente de sala de aula, mas agora em momento de prova. Em seguida, em uma sala privada, realizou-se a entrevista com a professora. Por último, na sala de jogos, foi feita a avaliação lúdica com a criança utilizando os instrumentos Desenho da Dupla Educativa, Jogo Forma-Palavras e Livro “O coelho que queria ser rápido: um conto sobre ambição”.

Resultados

Em relação à primeira observação, L. F.² pouco se comunicou com os colegas durante o lanche, quando a maioria dos alunos interagiram e conversaram. Ele comeu seu lanche silenciosamente e esperou o horário para poder se dirigir ao pátio da escola. Nesse momento, os alunos foram colocados em fila pela professora para se dirigirem ao pátio, e percebeu-se que L. F. começou a interagir com outros colegas, combinando qual brincadeira eles praticariam no intervalo. O avaliando brinca com muitas crianças (por volta de 12 colegas da sala) de forma descontraída, mas, ao mesmo tempo, organizada. O jogo proposto por ele é regido por algumas regras, que envolvem tempo, local alto/baixo, número igual de pessoas por equipe. Essa organização é articulada também por L. F. e, durante a brincadeira, ele ensinou alguns colegas como se brinca.

A seguir, foi realizada entrevista com os responsáveis (pai e mãe)³. Segundo relatos da mãe, o relacionamento familiar é bom e a criança interage bem com os irmãos mais novos e com os primos da mesma idade. Os pais destacaram que devido ao nascimento dos irmãos mais novos, as horas de lazer diminuíram consideravelmente e por ter que cuidar deles não tinham condições de acompanhar

² As iniciais L. F. serão usadas para se referir ao avaliando, preservando o anonimato.

³ Eles estavam acompanhados da irmã mais nova do aluno que ainda é um bebê de colo.

L. F. na realização dos deveres escolares, o que antes era uma prática comum. Descreveram o avaliando como sendo uma criança carinhosa, atenciosa, gentil, falante e esforçada. Até o momento da avaliação, L. F. foi aluno de duas diferentes escolas. A mãe explicou que ele sempre foi um aluno que “não deu trabalho” (*sic!*) na escola e que ela nunca precisou ser chamada por dificuldades ou problemas comportamentais apresentados por ele.

A observação do segundo dia ocorreu na sala de aula. Percebeu-se que L. F. não apresentou muita motivação para realizar as atividades, mostrando-se apático. Além disso, apresentou um ritmo de trabalho inconstante (foi um dos três últimos a terminar as anotações da agenda, mas um dos primeiros a acabar a prova). A falta de motivação não pareceu afetar sua capacidade de atenção e concentração para responder a prova.

Em determinada questão, mostrou-se frustrado por não saber a resposta, situação superada com a ajuda da professora (apresentou o mesmo comportamento na avaliação lúdica em relação ao jogo Forma-Palavras). Respondeu todas as questões, necessitando da ajuda da professora somente para uma questão específica, o que significa certa independência para realizar atividades sobre as quais tem conhecimento teórico. Demonstrou ser organizado em relação às suas responsabilidades, guardou devidamente sua agenda e lembrou a professora da tarefa passada para casa. Quando lhe foi solicitado que deixasse a turma para realizar a avaliação lúdica, negou-se inicialmente, o que pode ser um indício de inflexibilidade em relação à rotina, já que esse era um estímulo novo a seu ambiente. Não foi possível observar comportamentos referentes ao trabalho em equipe por estar em contexto de prova, mas em nenhum momento dentro da sala estabeleceu interação com outro colega, o que foi notado em outras crianças.

Foram registrados alguns comportamentos de L. F., tais como: 1) iniciar, propor ideias novas, estimular o grupo; 2) comunicar suas ideias pessoais, suas próprias convicções; 3) informar como especialista ou expor o resultado de suas experiências; 4) resumir, coordenar as relações entre as ideias, as insinuações e as atividades dos membros; 5) buscar e favorecer os compromissos, admitir seus erros; 6) manifestar abertamente a falta de interesse, apatia, cinismo, mentiras; e 7) passar despercebido, não se faz notar, tal como apontam as categorias propostas por Coma e Alvarez (2008) em seu protocolo de observação.

Na entrevista, a professora respondeu todas às questões de forma bem sucinta. Os tópicos abordados concentraram-se no aluno investigado, no método de ensino, na interação e na percepção da turma. A rotina dos alunos na escola consiste

basicamente em oração inicial (visto tratar-se de uma escola confessional), aulas divididas em horários e um intervalo recreativo entre as aulas. A turma possui um total de 21 alunos, que, em geral, apresentam um bom comportamento, são interessados pelos conteúdos trabalhados nas aulas e sabem expressar suas opiniões.

L. F. não é diferente da maioria e comumente participa das aulas. A única ressalva feita pela professora é sobre o fato de apresentar uma pequena dificuldade na fala relacionada à gagueira (para a qual ela recomenda um encaminhamento ao fonoaudiólogo), mas ressalta que ele escreve bem, apesar de errar algumas palavras, às vezes. Recentemente, tem apresentado um baixo desempenho. A professora desconfia de que um possível motivo para isso seja o fato de a família não mais acompanhar a realização das tarefas de casa (hipótese confirmada na entrevista com os responsáveis). A professora comenta também que, diante de dificuldades como essa, demonstra paciência e evita repreensões, preferindo a repetição da informação quantas vezes for necessário e o apontamento do modo correto.

Ela não possui um método estruturado de trabalho, mas alguns dos recursos lúdicos e alternativos utilizados por ela para alfabetização são: músicas, poemas, lendas e trava-línguas. As referências empregadas em sala são resultado de pesquisas realizadas em sites da *web* e conversas com colegas de profissão. O planejamento das aulas é realizado com a professora da outra turma de 1º ano do Ensino Fundamental para que o conteúdo seja o mesmo para ambas as turmas. As metas que costuma traçar são de curto prazo, pois objetiva resultados imediatos. As formas que usa como avaliação resumem-se a provas escritas, atividades em sala e tarefas de casa. Trabalha com o princípio do reforço positivo, pois, quando os alunos cumprem as atividades, elogia-os como forma de fortalecer o aprendizado. Pensa ser importante o apoio e o acompanhamento familiar.

Sobre a avaliação lúdica, o primeiro instrumento a ser utilizado foi o Desenho da Dupla Educativa. Inicialmente, seguiram-se as instruções: solicitou-se à criança que ela desenhasse uma pessoa aprendendo e outra ensinando. Findo o primeiro momento, foi pedido para que ela criasse uma história a partir do desenho. L. F. teve muita dificuldade (percebeu-se que estava ansioso, pois suas pernas embaixo da mesa estavam inquietas e se debatendo) e, após um momento em silêncio, verbalizou que não era bom em imaginar coisas. Os avaliadores insistiram um pouco mais com algumas perguntas sobre os dois personagens no intuito de obter esclarecimentos e dados. L. F. disse que o professor se chamava Carlos e tinha 20 anos e que o nome do aluno era Artur, tinha 6 anos, gostava muito de estudar Arte e Matemática, assim como gostava do seu professor, a aula era de Arte e estava ocorrendo às 8h. Em vista da dificuldade de L. F. em imaginar uma história, os avaliadores facilitaram a tarefa e

pediram que ele criasse apenas uma frase para o desenho, ao que ele respondeu positivamente: “Artur está estudando o trabalho de Arte quando o sinal tocou, ele guardou tudo e foi para casa” (*sic!*).

No Jogo Forma-Palavras, foram utilizadas duas lâminas com níveis diferentes de dificuldade. L. F. preencheu-as rapidamente, apresentando dificuldade apenas na palavra “lixo”, pois inicialmente acreditava ser formada com “ch”, pareceu confuso e frustrado ao perceber que a palavra escrita com “ch” não encaixaria nos 4 espaços disponíveis. Depois de uma dica de um dos avaliadores, conseguiu resolver o problema. Ao fim, quando perguntado, disse ter achado a tarefa fácil. O livro “O coelho que queria ser rápido: um conto sobre ambição” foi usado para testar as habilidades de leitura e compreensão de texto. Após ler o título, pediu-se que ele imaginasse sobre o que o livro tratava. Ainda um pouco tímido, associou à história da corrida entre a lebre e a tartaruga (descrevendo para os avaliadores esta última), mesmo sabendo que eram diferentes. Para finalizar, foi solicitado que ele lesse algumas estrofes, o que fez com uma dificuldade normal e aceitável para um alfabetizando, mas não errou nenhuma palavra.

Discussão

Os resultados encontrados foram integrados a partir das técnicas de entrevista com os pais e professora, observações comportamentais do aluno e utilização de instrumentos avaliativos com ele. A partir desses dados, levantaram-se alguns aspectos que serão abordados posteriormente, com o intuito de caracterizar de forma geral o desenvolvimento da criança.

O aluno L. F. apresenta boa relação com os colegas de classe, com seus professores, com os pais e os irmãos mais novos. Apresentou-se como uma criança tímida em comparação com o resto do grupo, porém, quando solicitado, interage bem com o grupo. Durante as aulas, manteve-se concentrado em alguns momentos e em outros disperso, oscilando sua atenção durante toda a observação. Na realização de atividades, cumpria dentro do tempo determinado pela professora, porém com dificuldade para escrever corretamente algumas palavras. Nos momentos fora de sala, apresentava boa socialização com os colegas, brincando em grupo.

Os dados obtidos nas entrevistas com os pais e a professora apontam que o aluno amadureceu em algumas responsabilidades com a chegada dos irmãos, que aconteceu concomitantemente ao processo de alfabetização do aluno. Diante disso, acreditou-se que ele demandava “menos atenção” (*sic!*) por saber ler e conseguir realizar suas atividades aparentemente sozinho. Esse dado corroborou com as

observações, nas quais se percebeu que o aluno demandava pouca ajuda da professora para realizar as atividades e nos processos de interação social, já que ele não demonstrava dificuldades para se relacionar com os demais colegas.

As queixas se dão em dois níveis: problemas de atenção do aluno durante as aulas e erros ortográficos. Ambas as queixas são trazidas nas falas dos pais e da professora. Percebeu-se na observação e nas atividades com o aluno que ele apresenta dificuldades para responder aos comandos solicitados e alguns erros ortográficos em poucas palavras, mas que chamam atenção.

Avalia-se, então, que o aluno não apresenta desnível cognitivo e que é capaz de realizar todas as atividades propostas para a sua faixa etária. Em termos comportamentais, o aluno não apresenta atitudes que possam influenciar negativamente seu rendimento, pois, por mais que se apresente como uma criança introvertida, esse aspecto não lhe impossibilitou de solicitar ajuda quando precisou e compor sua rede de amigos. Assim, a reflexão volta-se para a mudança na rotina do aluno ocorrida no último ano, com a chegada de dois irmãos mais novos em um pequeno período. L. F. teve diversas perdas nesse período: de tempo de estudo acompanhado dos pais, de lazer com a família e de diálogo, entre outros espaços que começaram a “dividir” a atenção dos pais entre os irmãos. Considera-se que esse seja o aspecto que possa ter influenciado a queda de rendimento do aluno, visto que ele não é mais assistido da mesma forma que era no ano anterior, quando era filho único.

Outro ponto avaliado foi a mudança de papel da criança. Segundo a entrevista com os pais, ele se tornou um “forte ajudante” (*sic!*) em casa, auxiliando os pais na responsabilidade com os irmãos. Acredita-se que essas mudanças representam um período de transição e que a criança esteja se adaptando à nova rotina familiar. No contexto escolar, o aluno encontra-se em uma turma maior que as dos anos anteriores e com uma pressão diferente: ele precisou se adequar ao sistema avaliativo de provas do Ensino Fundamental I e é exigido que, até o final do ano, ele esteja alfabetizado. Suas necessidades de correção ortográfica não puderam ser evidenciadas devido ao quantitativo de alunos na sala e por ele ser visto como um “bom aluno” e somente com a queda de rendimento as dificuldades de L. F. foram notadas.

Diante da avaliação realizada, algumas sugestões e reflexões foram pensadas para que se pudesse qualificar as relações de ensino-aprendizagem, assim como os aspectos comportamentais do aluno dentro e fora de sala. Em sala de aula, acredita-se que seja necessário um acompanhamento das tarefas do aluno, indicando as palavras de escrita incorreta e o esquema de reforço ou gratificação pelos avanços na escrita correta, pensando na complexidade das palavras que vão sendo ensinadas. Essa alternativa viabiliza que o aluno possa aprender com seus erros e ser estimulado a

acertar, tendo em vista que o processo de alfabetização na escrita ocorre gradualmente e precisa ser acompanhado. Diante das queixas de desatenção, reflete-se sobre a pouca atratividade que alguns conteúdos podem representar para aquele aluno ou para a turma em si. Tornar assuntos curriculares mais atrativos e com participação ativa da turma são estratégias que viabilizam uma interação maior nas atividades, acreditando-se que, por meio de atividades mais lúdicas ou criativas, os alunos aprendam de diferentes formas e se desenvolvam durante o ano.

Ao se referir ao contexto familiar, reflete-se sobre a compreensão dos pais acerca das mudanças que ocorrerem na dinâmica familiar com a chegada dos dois filhos mais novos. Essas mudanças não devem ser vistas como negativas, mas é preciso reconhecer que alteraram a rotina do aluno e isso muito provavelmente impactou a forma como ele lida com os estudos.

Orientou-se que os pais organizassem uma pequena e levemente estruturada rotina de atividades para a criança que possa ser cumprida de forma disciplinada, a fim de acompanharem melhor o ritmo dele nas atividades, a qual, com o passar do tempo, pode diminuir a necessidade de supervisionar as tarefas de casa da criança. Alguns esquemas de atribuição de tarefas podem ser direcionados à criança, como: arrumar a cama; guardar os brinquedos; arrumar a bolsa; e/ou outras pequenas obrigações que sejam compatíveis com a faixa etária da criança e que não causem sofrimento a ela. Pensa-se que, com a inserção dessas pequenas obrigações, L. F. poderá ser mais participante na ajuda em casa e isso demandará menos tempo dos pais para organizar funções que ele já realiza. Dessa forma, os pais terão mais tempo para organizar a rotina de estudos e de lazer com as crianças no decorrer da semana.

Todas as sugestões são pensadas com o objetivo de minimizar o tempo gasto, porém qualificando esse tempo dos pais ou da professora para com L. F. Dessa forma, acredita-se que o desempenho do aluno possa se estabilizar e ele volte a ter uma rotina de gratificações, mesmo na presença dos irmãos, com o intuito não de ter uma rotina similar à de antes, mas de modificá-la de uma forma que possa ser saudável para o seu desenvolvimento e que conte com a participação dos pais nesse processo de maturação.

Considerações Finais

A experiência alcançou seus objetivos, vista a quantidade satisfatória de técnicas utilizadas durante o período da Avaliação Psicológica. Acredita-se que as entrevistas com a mãe e a professora ofereceram riqueza de detalhes que puderam globalizar o contexto escolar e relatar alguns aspectos do aluno avaliado. Algumas

dificuldades foram encontradas durante o processo de Avaliação Psicológica. A primeira foi a de conciliar o tempo para entrevistar os pais, pois a disponibilidade deles era baixa, devido aos cuidados com os filhos mais novos. Outra fora a de encontrar jogos que pudessem ter relação com a desatenção do aluno, porém os outros componentes utilizados, assim como as técnicas, foram satisfatórios para trazer resultados.

Um aspecto importante a se ressaltar é o caráter confessional católico da escola. Esse modelo educacional pode sugerir uma rigidez no ensino, porém, com o contato com a escola, percebeu-se, inclusive pelas falas da coordenadora e da professora, que eles “educam pela linha do amor” (*sic!*), o que sugere diversas interpretações. Esse cuidado é visto no trato com as crianças e no respeito às limitações dos alunos (uso da sala de recursos, requerimento de laudos e adaptações curriculares).

Cabe salientar que o estudo apresentou algumas limitações que podem ter influenciado os resultados, tais como o tempo relativamente curto para realização da avaliação e a escassez de instrumentos psicométricos que pudessem gerar escores normatizados e mais precisos para mensuração dos fenômenos avaliados.

Diante dos resultados e da experiência da Avaliação Psicológica no contexto escolar, percebe-se a complexidade que é hoje em dia o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que esse fenômeno ocorre de forma dinâmica e é vivenciado de maneiras diferentes por cada um, ainda que na relação com o outro, seja esse outro o professor, os amigos ou mesmo a família. Diante disso, o caráter de tríade (aluno, família e escola) na avaliação é fundamental, pois considera todos os agentes no processo educativo da criança e o modo como esses personagens estão relacionados, influenciando positivamente a educação do aluno ou divergindo e tornando-a um trabalho mais difícil.

Referências

BENITEZ *et al.*, Procedimentos de observação e registro: da clínica à pesquisa aplicada. *In: BORGES, N. B. et al. Psicologia em Foco*, v. 4, p. 07-17, São Paulo, Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2014.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. A escola. *In: _____*. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14. ed. p. 265-281, São Paulo: Saraiva, 2008.

CALDAS, R. F. L. Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 21-33, jun. 2005.

CASTORINA, J. A. *et al.* Piaget-Vigotsky: novas contribuições para o debate. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COMA, R.; ÁLVAREZ, L. Técnicas e instrumentos de avaliação psicopedagógica. *In: SANCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. et al.* Avaliação psicopedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP 09/2018. Estabelece diretrizes para a realização da Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos SATEPSI e revoga as Resoluções no 022/2003, nº006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/2017 e 02/2017. Brasília, DF: CFP, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na educação básica. Brasília: CFP, 2013. p. 29-35.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012.

COSTA, C. R.; SOUZA, E. R.; RONCAGLIO, S. M. Atribuições prioritárias do psicólogo escolar. *In:_____*. Momentos em psicologia escolar. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2003.

FERNÁNDEZ TORRES, P. La función tutorial. Madrid: Castalia/MEC, 1991.

GUZZO, R. S. L.; MEZZALIRA, A. S. C.; MOREIRA, A. P. G.; SILVA NETO, W. M. F.; TIZZEI, R. P. Psicologia e educação no Brasil: uma visão histórica e possibilidades nessa relação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. especial, p. 131-141, 2010.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: pesquisa e intervenção. *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 83, mar. 2010.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional. 5. ed. Campinas: Alínea, 2014.

PATTO, M. H. S. Para uma crítica da razão psicométrica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 47-62, 1997.

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VILANA, R. A entrevista com os pais, os professores e os alunos. *In: SANCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. et al.* Avaliação psicopedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2008.